

O Carnaval em São Paulo e sua territorialidade

Bloco do DJ Alok no Ibirapuera,
2024. Edson Lopes - H/Sacom



Diretora: Adriana Rizkallah

Renata Gerassati Castro de Almeida
Colaboração: Diógenes Sousa
Arte: Eduardo Grigaitis



O Carnaval paulistano, ao longo das décadas, passou de festa de corsos e bailes aristocráticos para os animados blocos de rua e os grandiosos desfiles das escolas de samba. As brincadeiras do entrudo começaram a ganhar popularidade na cidade de São Paulo já em fins do século XIX.

Os três dias que precedem a entrada da Quaresma envolviam atividades como o lançamento de água e farinha, que foram gradualmente substituídas por atividades mais organizadas.

Os cordões carnavalescos paulistas se tornaram a principal expressão dessa festa. Na frente destes cordões vinha o Baliza, um dos personagens centrais dos cordões, responsável por abrir caminho para o grupo com malabarismos e defender o estandarte.

Havia uma grande profusão dessas sociedades na cidade de São Paulo, como o: Clube dos Excêntricos, Tá bom deixe, Tenentes de Plutão, Girondinos Galopins, Lygia Clube, Tenentes do Aveno, Argonautas, Democráticos, Club Carnavalesco Tenentes do Diabo e Fenianos (MUTARELLI, 2018, p.90).

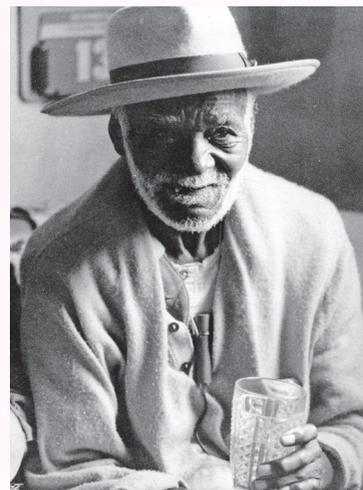


Segundo Wilson Rodrigues de Moraes, essas agremiações foram determinantes para as primeiras escolas de samba paulistanas, que mesclavam elementos dos cordões com características musicais do samba carioca.

A Lavapés foi a primeira escola de samba a se firmar no carnaval paulistano. Fundada em 1937 por Madrinha Eunice, sambista atualmente homenageada com uma estátua na Praça da Liberdade, centro da cidade.

A passagem dos blocos de carnaval foram registradas pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss, que em sua passagem por São Paulo nos anos 30 fotografou um desfile passando pela Rua Brigadeiro Galvão, que começa na Santa Cecília e termina na Barra Funda, local onde teve origem o primeiro cordão carnavalesco paulistano, o Cordão da Barra Funda, criado por Dionísio Barbosa em 1914, que deu origem à Escola de Samba Camisa Verde e Branco.

Musicalmente, os cordões eram marcados pela batucada. A execução do ritmo ficava a cargo dos instrumentos de percussão e sopro, dando destaque ao bumbo. Diferente do choro, onde os responsáveis pelo acompanhamento melódico e harmônico, eram os instrumentos de corda, além disso, os cordões também utilizavam instrumentos como pandeiros, reco-reco e tamborins. Durante as primeiras décadas do século XX, ritmos como marchinhas, maxixes e valsas eram populares.



Dionísio Barbosa e os integrantes do Cordão da Barra Funda, primeiro cordão carnavalesco da cidade de São Paulo



Já os bailes de Carnaval de São Paulo eram realizados tanto em clubes privados quanto em espaços públicos. Periódicos da época, como o Correio Paulistano, traziam em suas páginas relatos sobre essas manifestações culturais, como a ocorrida no Cassino Antarctica, na região central da cidade, que reuniu um grande número de pessoas para aproveitar a festa.

Em seu mestrado sobre o periódico o Furão, Isadora Mutarelli relata que o estabelecimento era representado pelo veículo de comunicação, bem como por outros periódicos da época, como um “espaço popular no mundo da boemia e seu baile de carnaval era continuamente elogiado pela folha satírica, fato que pode ter levado o periódico a ser seu embaixador carnavalesco” (2018, p. 68).

A autora também ressalta que os bailes de máscaras “não eram um lugar refinado e glamouroso como a elite paulistana pretendia” e nele era possível encontrar cocottes demonstrando publicamente afeto a seus amantes (2018, p.90).

Sobre o carnaval de rua, em 1911, encontramos nas páginas da Revista Moderna um manifesto de Pierrot sobre o Carnaval, que expressava alegria em perceber que a população da “grande urbs paulista” começava a compreender a importância de não circunscrever a grande festa apenas aos limites do Triângulo central, compreendido pelas ruas Quinze de Novembro, Direita e São Bento. Com pesar relatava que nos últimos anos as festas estavam restritas a reunião de uma massa compacta “sufocada” no “injustificável aperto do Triângulo”, e até então o carnaval estava restrito aquele local, às custas de não fazer a festa ser composta pela heterogeneidade que compunha a população.



Carnaval da Rua Direita, em 1905 e o manifesto da Revista A Vida Moderna defendendo a necessidade de expandir a festa para outras regiões da cidade.



S. Paulo moderno



Panorama de uma parte do aristocrático bairro da Villa Buarque.

Carnaval

A população d'esta grande *urbs* paulista, começa agora a compreender que o carnaval não é uma festa que se deva circunscrever nos acantados limites do triangulo e isto para nós é motivo de inteira alegria, pois, infelizmente nos annos passados as festas de momo têm sido apenas a reunião de uma massa compacta suffocada na promirendade intoleravel do injustificavel aperto do triangulo. E para o paulista o carnaval se resumia naquella ancia, naquelle borborinho asphixiante sob o sussurro brutal de uma onda eterogenea.

Compreenderam, felizmente, que o Carnaval, deve ser o prenuncio de uma era de alargamento estendendo-se por todos os recantos de S. Paulo, de norte a sul, levando a alegria a galhofa,

a todas as almas, afim de que o deus da folia não fique maguado com aquelle antigo privilegio de ser somente contemplado no clascico triangulo paulista.

E assim, como na bella Praça da Republica, devem os outros bairros fazer com que a alma da sua população vibre de entusiasmo e folge, sob os esguichos perfumados por entre nuvens de confetti.

E ahi têm os leitores o noss sympathico applauso a esse movimento de renascença do entrudo, que todos folgum, durante os tres dias, num infernal alvorço, banindo da memoria as tristes recordações da vida para as quaes bastam os 362 dias restantes e a celebre quarta-feira de cinzas, que é a mortalha das festas carnavalescas, onde, em todo o canto se ouve o *De profundis* tradicional.

Pierrot.

O bufão incitava que todos os recantos da cidade seguissem o exemplo do que estava acontecendo na Praça da República, e estendesse a comemoração para todos os bairros da capital, levando a alegria à todos os espaços “a fim de que o deus da folia não fique magoado com aquele antigo privilégio de ser somente contemplado no clássico triângulo paulista”.

Simson ressalta que com a popularização do carnaval moderno a festa passou a ser multinucleada, tirando a centralidade dos bailes e

desfiles e espalhando as comemorações para além das ruas do Triângulo.

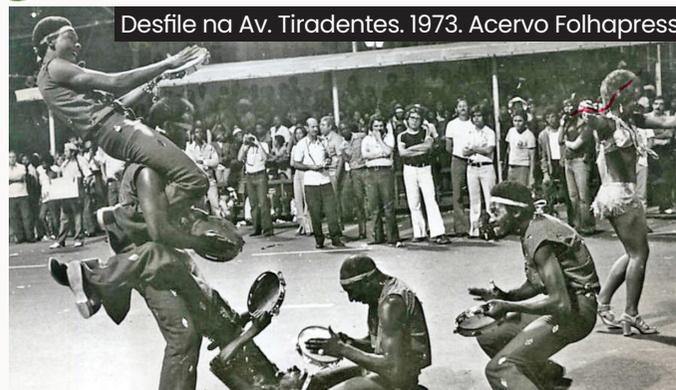
No Brás ocorriam festividades populares entre imigrantes, na Praça da República, Largo do Coração de Jesus e Largo da Liberdade ocorriam batalhas de confetes e lança-perfumes (SIMSON, 2007, p.159).

Apesar da imagem consolidada do Carnaval como uma festa popular, a Revista Moderna apresenta uma versão da festividade que nos

leva a pensar em sua territorialidade, ainda bastante concentrada nos bairros centrais e nobres da cidade.

Esse fenômeno persiste até hoje, embora iniciativas como as “Fábricas de Cultura” – um programa da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo – busquem levar o Carnaval também para as periferias da cidade (Viagem em Pauta. PORTAL TERRA) e mais recentemente o ressurgimento de blocos ocupam inúmeros bairros da capital.

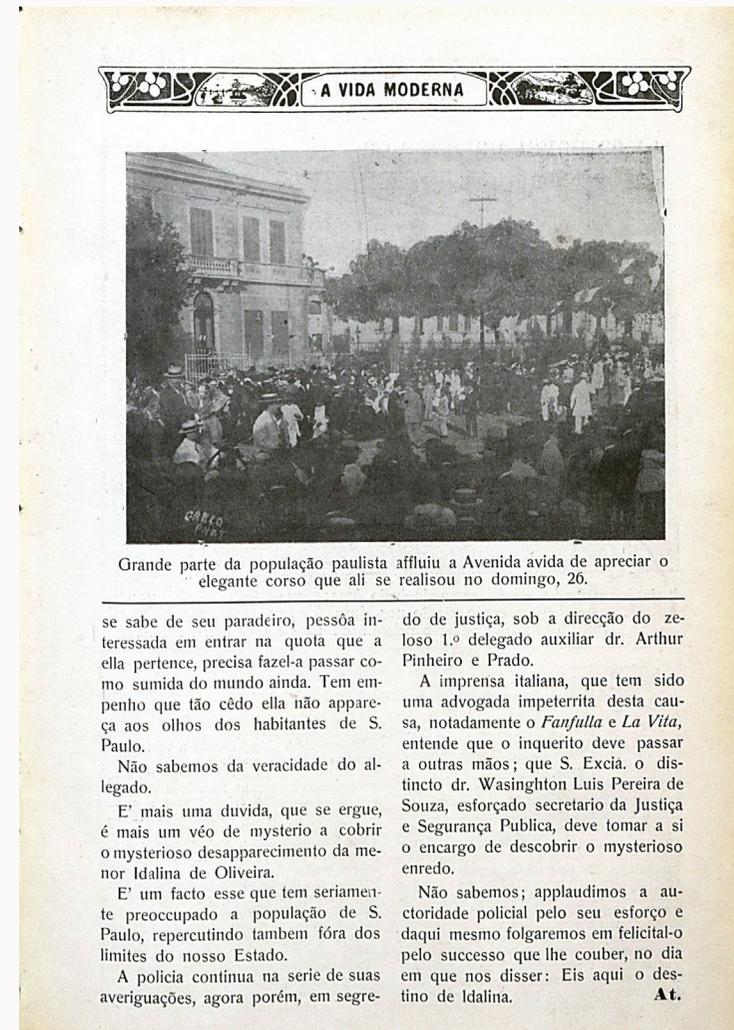
São Paulo de outros carnavais



Na edição de 28 de fevereiro de 1911 da Revista Moderna, somos apresentados à instantâneos de como se deu a festividade daquele ano na Avenida Paulista, mostrando ocorrer ali uma festividade para as elites.

Antes do começo do corso podemos observar um público composto majoritariamente de homens trajados com ternos e chapéus, situação bastante diferente da que observamos hoje nos blocos de carnaval. Na próxima fotografia podemos perceber um grande grupo concentrado na frente de um dos palacetes da avenida na passagem da agremiação, um cenário completamente distinto do primeiro, mostrando as aglomerações típicas de carnaval.

A revista destaca que naquele ano a população da cidade poderia apreciar uma nova sociedade que havia se formado, os Fenianos Carnavalescos, que prepararam doze carros, dez alegóricos e dois de crítica (sátiras dos problemas nacionais, de fatos e de homens políticos) para mostrar à população. Muitos intelectuais compreendiam os desfiles como oportunidades de transmitir suas ideias modernizantes e civilizadoras ao público, promovendo discussões que, até então, "ficavam restritas a determinados círculos sociais" (MUTARELLI, 2018, p.88).



Na territorialidade urbana os bairros nobres, como a recém-construída Avenida Paulista, representavam o Carnaval dos ricos. Tanto nos bailes dos clubes mais exclusivos, quanto na Paulista, um Carnaval elitizado contrastava com os blocos populares da Barra Funda ou da Liberdade.

O grupo Excêntricos Carnavalescos, uma sociedade já antiga, também levaria doze carros, para as ruas, entre alegóricos e críticos, e seriam essas duas agremiações que disputaram o prêmio de 1911.

Ademais, os autores frisam que o préstito do clube Ta bão deixe, do bairro do Bom Retiro, desfilou nas ruas do centro da cidade, caracterizado pela revista como um clube familiar em que todo o aparato carnavalesco era financiado por seus próprios sócios o que nos leva a refletir sobre como se dava o financiamento desses desfiles.

PAROER N. 45, DA COMMISSÃO DE JUSTIÇA

O sr. Boaventura Toga, presidente do club «Democráticos Carnavalescos», requereu á Camara um auxilio de 3:300\$000, ou da quantia que a Camara entendesse dispôr, para cobrir o deficit que, diz o mesmo ter tido com a organização do prestito com que aquella sociedade apresentou-se no 3.o dia do Carnaval ultimo. Que, devido á crise actual, por que vae passando esta cidade, aquella sociedade só conseguiu angariar quantia inferior a 4:000\$000, e que tendo as despesas se elevado a 7:290\$000, resultou o deficit apontado. E para explicar o seu pedido, diz o supplicante que a municipalidade auferiu vantagens com a apresentação daquelle prestito, augmentando as suas rendas com os impostos sobre venda de confettis, lança-perfumes, etc., etc. Accrescendo que não seria um novo precedente este, da Camara auxiliar as sociedades carnavalescas, o que já é uso no Rio de Janeiro e nas grandes cidades em geral.

Na 20ª Sessão ordinária da Câmara Municipal de São Paulo, realizada em 13 de junho de 1908, foi lido o parecer da Comissão de Justiça e Finanças à petição enviada por Boaventura Toga, presidente do clube Democráticos Carnavalescos solicitando um auxílio para cobrir o déficit da organização com o desfile.

Seu pedido esclareceu que a sociedade carnavalesca havia despendido 7:290\$000 e arrecadaram quantia inferior a 4:000\$000 devido às crises que se passavam na cidade, resultando em um déficit de 3:300\$000 que solicitaram à Câmara.

Como justificativa ao pedido, ressaltaram que a municipalidade havia obtido vantagens com seu desfile, aumentando sua renda com os impostos sobre a venda de “confetis, lança-perfume e etc”, e reforçando que já havia precedente para tal, já que a Câmara do Rio de Janeiro oferecia auxílio às sociedades carnavalescas.

A Comissão de Justiça, tendo de se manifestar a respeito, é de parecer que não se attenda ao supplicante, porque a municipalidade não deve nem pôde distrahir suas rendas, já bastante reduzidas, para auxiliar diversões de iniciativa particular, organizadas sem a sua audiência e sem que das mesmas resultem beneficios ou vantagens para os cofres publicos, como ao contrario pensa o supplicante. — Sala das commissões, 22 de abril de 1908.—*Jodo M. Sampaio Vianna, A. Celso Garcia, Alvaro G. da Rocha Azevedo.*

A resposta da Comissão de Justiça dispôs que a municipalidade, com rendas já bastante reduzidas, não poderia alocar verba para auxiliar diversões de iniciativa particular “organizadas sem a sua audiência e sem que das mesmas resultem beneficios ou vantagens para os cofres públicos”, obtendo também anuência do parecer da Comissão de Finanças que optou por não acatar o pedido do presidente do clube (SÃO PAULO. Câmara Municipal de São Paulo. 13 de junho de 1908).

As tratativas com a Câmara não se restringiam à questões de recursos, mas abarcavam também questões operacionais para uma realização satisfatória do curso.

No desfile de 1890, o presidente do Club Tenentes de Plutão solicitava que a municipalidade intercedesse junto à Companhia Inglesa pela suspensão de seus fios telegráficos, pois seu

PAROER N. 35, DA COMMISSÃO DE FINANÇAS

A Comissão de Finanças está de inteiro accordo com o parecer da digna Comissão de Justiça, para o fim de não ser attendido o pedido da sociedade «Democráticos Carnavalescos» — pelos motivos ahí exarados e que adopta. — Sala das commissões, 11 de maio de 1908. — *Arthur Guimarães, Bernardo de Campos.*

Ninguem pedindo a palavra, são os pareceres postos em votação e aprovados.

Reprodução do parecer da Comissão de Finanças negando ressarcimento ao Bloco Democráticos Carnavalescos. O tema do financiamento do Carnaval atravessou o século e ainda hoje é relevante no contexto da festa paulistana.



desfile passaria pelas principais ruas do centro da cidade e muitos de seus carros estariam impossibilitados de transitarem pela rua Quinze de Novembro em virtude de suas grandes dimensões. Ao apresentarem essa demanda ao superintendente da Companhia receberam resposta negativa, e portanto, solicitaram uma providência à Intendência (SÃO PAULO. Câmara Municipal de São Paulo. 15 de janeiro de 1890).

A questão do financiamento para os blocos, levantada por Boaventura Toga, já em 1908 ainda hoje é ponto de tensão entre foliões e municipalidade. Em sua edição de 2 de fevereiro de 2024 o portal InfoMoney destacava que 129 blocos haviam desistido de sair às ruas por falta de recursos para seus desfiles.

Na ocasião, organizadores dos blocos reclamam da desorganização da prefeitura, que não

definira os critérios para os desfiles e nem anunciara a tempo o patrocinador oficial do Carnaval, inviabilizando a captação de patrocínio por parte dos blocos.

Na mesma matéria o prefeito Ricardo Nunes ponderava que “Os blocos são autônomos, independentes, e o recurso que eles buscam, e sempre buscaram, foi direto do privado. Agora, se o privado resolve não patrocinar, aí a prefeitura não tem o que fazer”.

Inegável é a evolução das

escolas de samba e a consolidação dos desfiles no Sambódromo do Anhembi a partir da década de 1990 demonstram a vitalidade e a relevância dessa tradição na maior cidade do Brasil.

São Paulo se destaca pela quantidade de blocos carnavalescos que saem às ruas, mostrando a importância que este evento tem para grande parte da população.

Com diferentes temáticas, estes coletivos promovem a cultura e a valorização da ocupação dos espaços, trazendo à tona questões que fazem parte do cotidiano da metrópole.



Nos últimos anos São Paulo viu crescer os blocos temáticos, como o Peixe Urbano, que aborda a questão das águas na cidade ou os que homenageiam artistas como Belchior e Tom Zé.

Bibliografia

A VIDA MODERNA. São Paulo, Ano 6, n. 83. 15 de fevereiro de 1911, p.12.

A VIDA MODERNA. São Paulo, Ano 6, n. 84. 28 de fevereiro de 1911.

Casino. CORREIO PAULISTANO. 11 de fevereiro de 1923, p.2.

MORAES, Wilson Rodrigues de. As Escolas de Samba de São Paulo. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

MUTARELLI, Isadora. O Furão: um jornal da boemia paulistana (1910-1925). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Franca: 2018.

SÃO PAULO. Câmara Municipal de São Paulo. Anais da Câmara Municipal de São Paulo. Sessão ordinária, realizada em 15 de janeiro de 1890.

SÃO PAULO. Câmara Municipal de São Paulo. Anais da Câmara Municipal de São Paulo. 20ª Sessão ordinária, realizada em 13 de junho de 1908.

SIMSON, Olga R. de Moraes von. Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano. São Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007

Portal Infomoney <https://www.infomoney.com.br/consumo/ao-menos-129-blocos-de-rua-cancelam-participacao-no-carnaval-de-sp-por-falta-de-dinheiro/>

Viagem em Pauta. PORTAL TERRA. <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/turismo/carnaval-na-periferia-de-sao-paulo-veja-programacao,aac1b2f4deabd0795f571750bb507abclex876te.html>

Desfile de Carnaval no Vale do Anhangabaú, em 1969.



CASA DA BOIA

METAIS E HIDRÁULICA
DESDE 1898

*Diretor: Mario Rizkallah
fevereiro, 2025*